

A GRÉCIA DE MACHADO DE ASSIS[1]

Jacyntho Lins Brandão

“O programa era não ter programa...
O tom (...) era elegante, literário, ático” [2].

Conta Pedro Nava que seu tio Antônio Salles, por ocasião da morte de Machado de Assis, em setembro de 1908, escreveu que se tratava de uma “alma grega, exilada em nossos lares...” [3]. Essa espécie de epitáfio ecoa outras opiniões que reconheceram no escritor um certo caráter “grego”, embora pareça que nem todos quisessem, com isso, dizer a mesma coisa. Assim, Graça Aranha, em discurso na Academia Brasileira de Letras, chamou-o “um helênico no meio dos bárbaros que deslumbras” [4]; por seu lado, Joaquim Nabuco comentava: “eu pelo menos vi nele o grego” [5]. Aparentemente, o próprio Machado não deixará de confirmar esse ponto de vista quando, em carta a Mário de Alencar, de janeiro do próprio ano de sua morte, confessa: “veja como ando grego, meu amigo”.

Ora, “andar grego” não implica “ser grego” – e nesse “veja como ando grego, meu amigo” soa alguma espécie de ironia que pode ter sido inspirada justamente por declarações bombásticas como as de Graça Aranha e Joaquim Nabuco. A observação da carta é motivada apenas pelas leituras a que, na ocasião, com a saúde debilitada desde a morte da esposa, o escritor se dedica. Diz ele, na íntegra: “Agora, ao levantar-me, apesar do cansaço de ontem, meti-me a reler algumas páginas do *Prometeu* de Ésquilo, através de Leconte de Lisle; ontem entreteve-me com o *Phedon* de Platão, também de manhã; veja como ando grego, meu amigo” [6]. Analisando esse texto da perspectiva dos “cuidados de si”, Maria Helena Werneck comenta: “Muito distante da eternidade que subjogou Prometeu, da eternidade que a alma definida na fala de Sócrates promete, o grego Machado se protege num tempo de curta duração, o dos dias...” [7]. Sendo esses dias aqueles próximos do fim, poderíamos entender que a declaração tem um estatuto de testamento, numa época em que o escritor considera sua obra já completa [8], e dedica o tempo à leitura. Na verdade, não propriamente a leituras, mas a releituras, às quais se poderia aplicar a observação, dirigida a um outro amigo, que fecha a última de suas cartas: “A morte levou-nos muitos daqueles que eram conosco outrora; possivelmente a vida nos terá levado também alguns outros, é seu costume dela, mas chegado ao fim da carreira é doce que a voz que me alente seja a mesma voz antiga que nem a morte nem a vida fizeram calar” [9]. Se essa “voz antiga” é sem dúvida a dos amigos que lhe escrevem, poderá também ser a de quantos outros ele relê, incluindo-se as vozes de Ésquilo e de Platão, em textos que falam da (i)mortalidade para quem sente que a vida atinge não apenas o fim enquanto acabamento, mas, se *pensarmos grego*, também e principalmente sua finalidade [10]. Então podemos concluir: se Machado de Assis não nasceu grego, morreu grego, ou, para ser mais exato, “andava grego” quando morreu.

É daí que nasce o tema que proponho abordar: Machado andava grego de que Grécia? Porque, para os que não o são (como nós todos), mas apenas *andam gregos*, é certo que há muitas Grécias, adaptáveis aos gostos e às necessidades de cada um. Decerto que essa Grécia de Machado de Assis não seria a dos helenistas, ou, segundo as suas próprias palavras em crônica de 1878, a daqueles “rapazes de Oxford, que alternam os estudos com regatas e travam do remo com as mesmas mãos que folheiam Hesíodo” [11]. Não seria também a dos

parnasianos, vale dizer, à moda neoclássica, à qual, na sua época, aderiam Olavo Bilac, Alberto de Oliveira – nem mesmo a de Euclides da Cunha, que se dizia um “misto de celta, de tapuia e de grego” [12]. Não acredito que fosse ainda a de Coelho Neto quando, nos anos vinte, polemizando com Graça Aranha em sessão da Academia Brasileira de Letras, se teria declarado, a crer-se em Humberto de Campos, o “último dos helenos” contra a barbárie modernista. Muito menos teria a ver com o ufanismo de epítetos como o que se atribuía a São Luís do Maranhão, orgulhosamente chamada de “Atenas brasileira” porque fecunda em escritores – como os já citados Coelho Neto, Graça Aranha e Humberto de Campos, além de Gonçalves Dias, Aluísio e Arthur Azevedo, sem falar de Odorico Mendes, o tradutor de Homero; aliás, como no Brasil nunca se sabe bem o que separa o elogio da chacota, Arthur Azevedo costumava corrigir que sua terra era não uma “Atenas brasileira”, mas “apenas brasileira”. A anedota vem a propósito para refletirmos que o “andar grego” de Machado também não devia representar nenhuma espécie de contradição com o ser “apenas brasileiro”, mas implicaria antes uma certa forma de andar grego à brasileira.

Uma primeira aproximação levaria a admitir que a Grécia de Machado de Assis é um espaço de leitura – e é como leitor, de fato, que ele declara “andar grego”. Eugênio Gomes, a propósito de *Esauí e Jacó*, concorda que “as citações e alusões eruditas (...) deixam claramente entrever os contactos que o escritor estabelecera, (...) distinguindo-se, entre as principais fontes assim relevadas, a Bíblia, os gregos, com Homero, Ésquilo e Xenofonte, Dante, Shakespeare e Goethe” [13]. Mas, continua o mesmo crítico, “não é coisa rara encontrar-se (...) o emprego de uma influência às avessas, por forma que os reflexos do pensamento grego em *Esauí e Jacó* adquirem, às vezes, um sentido entre irônico e humorístico. (...) Em conseqüência, será lícito afirmar que o romance envolve uma sátira sutil, mas sátira, à preamar de idéias, imagens e comparações gregas com que a nossa literatura foi inundada no começo deste século?” [14]. A hipótese é plausível, mas parece-me empobrecedora, isto é, que a Grécia de Machado seja nada mais que um recurso para a crítica dos contemporâneos, que exibem outras Grécias. O que gostaria de perseguir é como essa Grécia lida e relida esteve num dos pontos mais centrais da formação não só do nosso escritor, mas igualmente do nosso pensador – e sobretudo do pensador da cultura brasileira.

De fato, ressaltou Carlos Fuentes em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, Machado antecipa no século XIX o que seria o romance latino-americano do século XX, na medida em que “redescobre e reanima a tradição de La Mancha contra a tradição de Waterloo”. O que isso quer dizer? Conforme o próprio Fuentes, a tradição de Waterloo afirma-se como realidade, oferece fatias de vida, surge do contexto social, lê o mundo, baseia-se na experiência, lida com personagens reais, é séria e ativa; já a tradição de La Mancha celebra-se como ficção, não tem outra vida fora do texto, descende de outros livros, é lida pelo mundo, baseia-se na inexperiência (pois diz o que ignoramos), lida com leitores ideais, é ridícula e reflexiva [15]. No fundo, com outros nomes, ele retoma em parte a distinção bakhtiniana entre o romance dialógico e o monológico. Entretanto, Bakhtin, que era profundo conhecedor da literatura clássica, demonstrara como essa tradição de “La Mancha” é mais antiga que Cervantes, enraizando-se na menipéia, cujo espírito provém do carnaval, cuja inspiração flui do diálogo socrático e cujo principal representante seria Luciano de Samósata [16]. Foi a relação entre Machado e Luciano que Enylton de Sá Rego explorou em *O calundu e a panacéia*: não apenas a carnavalização em Machado de Assis, não só sua dívida para com a menipéia, à la Bakhtin, ou para com autores modernos ou renascentistas, mas suas relações com a própria tradição luciânica, recebida diretamente ou por intermédio de escritores como Cervantes, Erasmo, Robert Burton e Laurence Sterne [17]. Não há como negar que, de

Machado, passando pelos modernos, se chega a Luciano – e que, pelo viés luciânico, se remonta a Homero. Nova pergunta, portanto, se impõe: a Grécia de Machado de Assis pode ser definida como a Grécia de Luciano?

Admitamo-lo pelo menos provisoriamente. Isso nos fornecerá um excelente instrumento para a genealogia da ironia machadiana, desse riso que é sua marca, classificado por Viana Moog como *made in England* [18], e assim definido por Tristão de Ataíde: “a maneira leve de tratar as coisas graves, e a maneira grave de tratar as coisas leves” [19]. Pois bem, segundo se afirma na “Teoria do Medalhão”, “a ironia” é “esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados” [20]. O percurso está portanto traçado: há um certo modo grego, que Luciano transmite a certos autores ingleses e franceses, e que Machado também contrai. Mais que isso, contudo, a própria perspectiva patológica, que aborda a ironia como um mal grego que se contrai e se transmite, é também luciânica, isto é: do mesmo modo que alguém, mordido por um cão raivoso, contrai a doença e, mordendo por sua vez, transmite-a a outros, assim também é que se forma e se difunde essa tradição, que não é mera conservação do passado, mas transmissão de um *vírus* que se mantém vivo porque se adapta a novos hospedeiros [21], o que faz com que, nela, a imitação temática seja menos importante que a contaminação de posturas [22].

Tomemos um exemplo de como se dá essa contaminação irônica: o diálogo “Lágrimas de Xerxes” parte da suposição de “que Julieta e Romeu, antes que Frei Lourenço os casasse, travavam com ele este diálogo curioso” [23]. Note-se que se trata de uma cena que se acrescenta à tragédia de Shakespeare, fazendo com que o frade contenha a pressa dos dois jovens em unir-se, para refletir com eles. Que reflexão é essa? “Cousas duras” que os ventos haviam contado a Frei Lourenço, completando o que havia narrado Heródoto em suas *Histórias* – ou seja, alguma coisa que se acrescenta também ao historiador antigo, já que “tudo é de supor”. De um lado, temos Machado de Assis que escreve nos silêncios do que escrevera Shakespeare; de outro, a personagem de Machado que fala nos silêncios do que falara Heródoto. E quais são essas “cousas duras”? De início, o que havia contado Heródoto: “Um dia em que Xerxes chorou” [24], “considerando que de tantos milhares e milhares de homens que ali tinha diante de si, e às suas ordens, não existiria um só ao cabo de um século” [25]. Segue então o que Heródoto calara, mas os ventos contaram a Frei Lourenço: as lágrimas de Xerxes tornaram-se um sinal no céu, que preside o momento das bodas das duas personagens de Shakespeare. São os próprios ventos então que falam: “essa estrela feita das lágrimas que a brevidade da vida arrancou um dia ao orgulho humano ficará pendente do céu como o astro da ironia, luzirá cá de cima sobre todas as multidões que passam, cuidando não acabar mais, e sobre todas as cousas construídas em desafio dos tempos. Onde as bodas cantam a eternidade, ela fará descer um dos seus raios, lágrima de Xerxes, para escrever a palavra da extinção, breve, total, irremissível. Toda epifania receberá esta nota de sarcasmo. Não quero melancolias, que são rosas pálidas da lua e suas congêneres; - ironia, sim, uma dura boca, gelada e sardônica...” [26].

A ironia é, assim, esse astro que empresta uma “nota de sarcasmo” à ilusão da eternidade (incluindo-se a eternidade de amores como os Julieta e Romeu). Há um distanciamento, portanto, que é uma das marcas mais distintas de Luciano – olhar as coisas do alto, do céu, ou de baixo, do Hades – definida por Korus como uma “poética do não envolvimento” [27], cujos reflexos em Machado foram levantados por Rego. Mas há também uma perspectiva de distanciamento temporal, que justifica o fato de Machado entender que a ironia foi inventada “por algum grego da decadência”, isto é, por alguém que, justamente

porque decadentista, consegue contemplar as glórias do passado com o distanciamento necessário, tendo a certeza, já constatada, do que Xerxes apenas projetava: de tantos milhares de homens, não restou mesmo um só. Não é preciso lembrar que esse jogo temporal é que está na base das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que têm um defunto autor, bem como em *Dom Casmurro*, em que o narrador tem por “fim evidente (...) atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência” [28], do mesmo modo que procurara reproduzir no Engenho Novo a desaparecida casa onde se tinha criado na antiga Rua de Mata-Cavalos, com sua decoração de figuras antigas, pois “era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas” [29]. Assim, ainda que se trate de sua vida, Bentinho contempla os fatos de longe, como uma espécie de espectador irônico com relação a seu próprio destino.

Não será difícil notar como o jogo temporal é uma das molas mestras do processo de criação machadiano, não apenas enquanto, como romancista, sua matéria principal é o passado, mas também enquanto o tempo é uma categoria que dá sentido à condição humana. O interesse de Machado pela Grécia poderia então ser motivado pelo simples fato de que, sendo ela a nossa Antigüidade, goza de um estatuto e de uma autoridade singulares. Com efeito, no conto chamado justamente “Eterno!”, afirma-se que o Tempo “é um insigne alquimista”: “dá-se-lhe um punhado de lodo, ele o restitui em diamantes” [30]. A Grécia de Machado de Assis poderia então ser entendida como a Grécia que “não morre jamais”, admirada por tantos, uma Grécia eterna em que tudo, pela ação do tempo, se transformou em preciosidades.

Entretanto, essa visão ufanista se mostraria logo equivocada, pois decorre de uma ingenuidade que Machado nunca teve. No mesmo conto, por exemplo, o eterno não passa do estatuto de uma pergunta para a qual não se encontram senão respostas provisórias, como a do cocheiro que conduz o protagonista na última cena: “Com o perdão de V. Sa. (...), mas eu acho que eterno é o fiscal da minha rua. (...) Pois o maroto parece eterno no lugar” [31]; do mesmo modo, as ondas, “mais discretas que” o cocheiro, “não me contaram os seus particulares, vinham vindo, morriam, vinham vindo, morriam”; finalmente, Iaiá Lindinha declara que eterno “é o amor que te tenho” [32]. Em resumo: eterno é tudo o que é efêmero, o guarda, as ondas, o amor, idéia retomada em “Papéis velhos”, quando o protagonista Brotero, relendo cartas de amor antigas, assim as descreve: “Nada faltava a essas cartas; lá estava o infinito, o abismo, o eterno. Um dos *eternos*, escrito na dobra do papel, não se chegava a ler, mas supunha-se. A frase era esta: ‘Um só minuto do teu amor, e estou pronto a padecer um suplício et...’ Uma traça bifara o resto da palavra; comeu o *eterno* e deixou o minuto. Não se pode saber a que atribuir essa preferência, se à voracidade, se à filosofia das traças” [33].

Essa consciência de que o eterno se reduz ao minuto é que dá ao tempo uma enorme importância. Em crônica de 1878, Machado escreve: “Os dias passam, e os meses, e os anos, e as situações políticas, e as gerações e os sentimentos, e as idéias. Cada Olimpíada traz nas mãos uma nova andaina do tempo. O tempo, que a tradição mitológica nos pinta com alvas barbas, é pelo contrário um eterno rapagão, rosado, gamenho, pueril; só parece velho àqueles que já o estão; em si mesmo traz a perpétua juventude” – concluindo em seguida que só duas coisas perduram no meio da “instabilidade universal”: a constância da polícia em proibir a queima de fogos no mês de junho; e a disposição do povo em desobedecer à polícia [34]. Essa mistura do mitológico – que se situa fora do tempo – com as circunstâncias mais quotidianas – inclusive no sentido de que se repetem ciclicamente, como as proibições da polícia e a disposição popular em desobedecê-las – deve ser suficientemente ressaltada. Marcus Vinicius de Freitas, trabalhando os temas políticos nas crônicas de Machado, chamou a atenção recentemente para

a importância que nele tem o quotidiano [35], não tratado de forma direta, mas num estilo jornalístico cuja principal característica seriam os “deslizamentos” que provocam associações tanto inesperadas, quanto argutas: do particular para o universal, do político para o pessoal, do antigo para o contemporâneo, do passado para o presente (e mesmo para o futuro), constrói-se uma história cuja característica aparente é ser a-histórica, já que “a história é tão loureira, tão disposta a dizer o sim e o não, que o melhor que pode acontecer (...) é não a ter absolutamente”. Essa perspectiva é que inviabiliza que Machado possa cultivar uma Grécia de historiador (muito menos a dos historiadores alemães que, segundo ele, reduziram a um simples esqueleto a história de Roma), motivo pelo qual prega a aplicação do “niilismo aos documentos”, para que os sábios futuros se possam entregar “ao simples recurso da conjectura” [36].

Assim, o que lhe resta é ocupar-se do que ele chama a “história mínima”, ou a “história de quinze dias”, em que a profusão de referências gregas geralmente surpreende o leitor, já que seria de se esperar em grandes gêneros, mas não nesse tipo de texto cujo valor se poderia comparar ao de “um minuete no meio de uma batalha”, ou ao de “uma estrofe de Florian entre dois cantos da *Ilíada*” [37]. Para citar alguns exemplos, pelas crônicas de Machado desfilam referências a Hipólito, Ceres, Aquiles, Morfeu, Platão, Diógenes, Epimênides, Hesíodo, Sófocles, Baco, Pausânias, Juno, Homero, Licurgo, Télefo, à *Ilíada*, a Tróia ou à metempsicose pitagórica. Trata-se de um processo consciente, que ele assim nos explica em crônica de 1892: “Eu, quando vejo um ou dous assuntos puxarem para si todo o cobertor da atenção pública, deixando os outros ao relento, dá-me vontade de os meter nos bastidores, trazendo à cena tão-somente a arraia miúda, as pobres ocorrências de nada, a velha anedota, o sopapo casual, o furto, a fachada anônima, a estatística mortuária, as tentativas de suicídio, o cocheiro que foge, o noticiário, em suma. É que sou justo e não posso ver o fraco esmagado pelo forte. Além disso, nasci com certo orgulho, que já agora há de morrer comigo. Não gosto que os fatos nem os homens se me imponham por si mesmos. Tenho horror a toda superioridade. Eu é que os hei de enfeitar, com dous ou três adjetivos, uma reminiscência clássica, mais os galões do estilo” [38].

Essa extraordinária declaração de método, demonstração de lucidez, consciência e segurança pode ser igualmente aplicada às obras de ficção, que preferem também “as pobres ocorrências de nada”, tornadas, pelo escritor, “fatos transcendentais” [39]. Deixando de lado os adjetivos e demais galões do estilo para concentrarmo-nos apenas nas reminiscências gregas, dentre as clássicas, podemos observar o método em ação. Assim, nas crônicas, uma cantora lírica tem olhos enormes “que a faziam semelhante a Juno, a Juno dos olhos de boi, como diz Homero, ou olhitoura, como traduz Filinto”[40]; criticando a Câmara do Rio de Janeiro por ter comprado um cofre forte para nele recolher suas rendas, enquanto o município “andava descalço ou devia o calçado”, conclui: “Diógenes batiza-se Crespo, a cigarra virou formiga” [41]; sobre um certo Mirolí, preso por charlatanismo, que fora “médico, domador de feras, volantim, mestre de dança e, ultimamente, adivinho”, diz ele que “fundou uma Delfos na Rua do Espírito Santo” [42].

Nos contos, um bom exemplo seria o intitulado “A chave”, dedicado às pobres ocorrências do nada que é a história de amor entre a jovem Marcelina e o Sr. Bastinhos (notem-se os diminutivos), entretanto tornada extraordinária pela mania que tem o pai da moça, o Major Caldas, das “recordações clássicas”: as ondas do Flamengo então se tornam “as convulsões de Anfitrite” [43], em que a moça nada “como uma náiaide” [44]; tendo sido salva de um afogamento pelo tal Bastinhos, o major seria “capaz de casá-los (...) só para ter o gosto de dizer que unia uma náiaide a um tritão” [45]; Marcelina, ao olhar o mar que quase a engolira

dois dias antes, “teve uns ímpetos de Xerxes”[46]; etc. Enfim, observa o narrador – e não mais o Major – Marcelina, ao sair da água “com a roupa de banho pegada ao corpo” exhibe “um corpo grego, por Deus!”[47]. Ora, esse corpo grego, por Zeus!, ilustra bem o método e resume o sentido das reminiscências clássicas em Machado, ou seja, metamorfosear corpos, lugares e fatos banais em extraordinários.

Eu disse – com a intenção de valorizá-lo – que o processo de utilização de “reminiscências clássicas” em Machado é consciente, mas talvez isso não seja estritamente exato, pelo menos a crer-se no que se descreve no conto “O cônego ou metafísica do estilo”, em que o narrador mostra como é que os substantivos encontram os adjetivos adequados, uma vez que estes nascem de um lado do cérebro e “os substantivos do outro, e toda sorte de vocábulos está dividida por motivo da diferença sexual”. É por isso que as palavras “amam-se umas às outras”, e “casam-se”, sendo “o casamento delas o que chamamos estilo”. Para demonstrar essa teoria “psicolexicológica”, o narrador convida a leitora a nada menos que penetrar na cabeça do cônego que empacara numa frase de um sermão que preparava [48]. Como o esposo do *Cântico dos cânticos*, o substantivo com que se interrompera o sermão põe-se assim a buscar pelos os meandros do cérebro seu adjetivo, até que passa “da consciência à inconsciência, onde se faz a elaboração confusa das idéias, onde as reminiscências dormem ou cochilam. Aqui pulula a vida sem formas, os gérmenes, e os detritos, os rudimentos e os sedimentos; é o devão imenso do espírito. (...) Vasto mundo icógnito. (...) Grupos de idéias, seduzindo-se à maneira de silogismos, perdem-se no tumulto de reminiscências da infância e do seminário. Outras idéias, grávidas de idéias, arrastam-se pesadamente, amparadas por outras idéias virgens. Cousas e homens amalgamam-se, Platão traz os óculos de um escrivão da câmara eclesiástica” [49].

Acredito que as reminiscências de Machado não são figuras gregas quaisquer justamente porque não são fruto de simples erudição, citações planejadas, com aspas e referências bibliográficas, mas habitam a “inconsciência” (e ressaltem-se duas coisas: a primeira, que não sou eu que estou fazendo uma leitura psicanalítica de Machado: é ele que está usando esse termo; a segunda, que o conto é anterior a 1896, anterior ao “inconsciente” de Freud, portanto, que foi exposto pela primeira vez em artigo de 1915) [50]. De fato, na “inconsciência” de Machado é que, no meio de idéias virgens ou grávidas de idéias, não só Platão pode usar óculos eclesiásticos como é possível pensar uma Delfos pagã em plena Rua do Espírito Santo! O que parece regular o uso de referências gregas por Machado é esse deslizamento – que dá a elas um efeito radicalmente distinto do que teriam num autor arcádico, romântico ou parnasiano. Ainda que na “inconsciência” do cônego (e na de Machado) haja reminiscências, haja idéias e haja um Platão, nenhum dos três vem a ser exatamente o que era em Platão (nem mesmo o próprio Platão), mas andam soltos, misturam-se, contaminam-se nesse “vasto mundo icógnito”. Num certo sentido, poderíamos dizer que os arcádicos, românticos e parnasianos (e os helenistas, historiadores e filósofos) guardam *lembranças* da antiga Grécia, intencionalmente cultivadas; Machado só conhece reminiscências que, ainda que gregas (ou clássicas), são antes de tudo machadianas.

Conforme me parece, a principal função que lhes cabe é a de quebrar a *ilusão realista* [51], tanto das obras de ficção, quanto também das crônicas, para que o leitor não faça como a personagem de um dos contos, “homem de incrível boa fé que, neste século desabusado, ainda acreditava em duas cousas: nos programas políticos e nas cebolas do Egito” [52]. Não se trata assim de incluir o novo no antigo, ou de reduzir o contemporâneo ao extemporâneo (quer dizer, ao clássico), mas de provocar o estranhamento do que se encontra à mão, para arrancar o leitor de seu lugar e substituir a ingenuidade pela inteligência. Com efeito, só quem vive

fechado em seu mundo pode gozar de “incrível boa fé” nos políticos, nas cebolas, nos escritores, nos filósofos ou seja no que for. Recorde-se o conto “Idéias de canário”, em que o falante animal, dependendo da “gaiola” em que se encontre, define de modo diferente o mundo: primeiro, a loja de quinquilharias; em seguida, o jardim da casa de seu dono; finalmente o céu – e, fora do que lhe aparece de imediato aos olhos, crê que “tudo mais é ilusão e mentira”, o que demonstra como, mesmo enfim solto, ele se comporta como engaiolado [53]. Do mesmo modo, em “O dicionário”, o taneiro Bernardino, porque vive de fabricar tonéis, “professava a opinião de que este mundo é um imenso tonel de marmelada” [54]. A ignorância, ingênua ou assumida, dessas personagens equivale à daquela mulher do tirano referida por Luciano: “Conta-se que a boca de Gelão de Siracusa cheirava mal, mas isso foi escondido dele durante muito tempo, pois ninguém ousava advertir um tirano. Até que uma certa mulher estrangeira com quem tinha dormido ousou dizer-lhe o que se passava. Voltando para junto de sua própria mulher, encolerizou-se por ela não tê-lo advertido, conhecendo, mais que ninguém, o mau cheiro. Ela suplicou-lhe que a perdoasse, pois, não tendo nunca dormido nem ao menos falado de perto com nenhum outro homem, cria que todos exalavam da boca o mesmo cheiro” [55]. Convenhamos que para essa história de Luciano um bom fecho poderia ser o seguinte comentário de Machado: “entendi que, se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente”, sendo por isso que alguns se passam por “grandes físicos e maiores filósofos, e têm consigo pessoas capazes de dar a vida por eles” [56].

Para Machado, a Grécia não deixa de ser esse exterior que nos permite estranharmo-nos a nós mesmos, que tem como função pôr fim à nossa ingenuidade, tornar-nos argutos e críticos – isto é: uma Grécia que faz o papel que, na história de Luciano, tem a prostituta estrangeira, que justamente por ser essas duas coisas pode dizer o que quer que seja ao tirano. Regina Zilberman parece perceber e sintetizar bem essa relação de Machado com os antigos, cuja primeira pista ela descobre em “O alienista”: “parodiar o novo, para mostrar como era antigo, preconceituoso e equivocado” [57]. Note-se como a função da Antigüidade se encontra então invertida, pelo menos segundo a lógica comum, que pressupõe sempre a influência do mais antigo sobre o mais novo, seja da perspectiva imitativa dos neoclassicismos, seja do ponto de vista paródico dos anticlássicismos.

Essa *função invertida* é belamente exemplificada no conto “Uma visita de Alcibíades”, uma carta de um certo Desembargador X... (que desde rapaz padecera “esta devoção do grego; devoção ou mania”) ao Chefe de Polícia da Corte, informando que a antiga personagem sucumbira uma segunda vez em sua casa, vitimado por um verdadeiro *choque cultural*, provocado pela estranheza que lhe causaram as vestimentas modernas. O que desejo realçar é que o *choque* do antigo [58] visa antes a chocar-nos a nós, modernos, vistos em nossas idiossincrasias. Assim é que, ao ver as calças do embaixador, Alcibíades exclama: “canudos pretos!” – “e riu, um risinho em que o espanto vinha mesclado de escárnio, o que ofendeu grandemente o meu melindre de homem moderno. Porque, note V. Exa., ainda que o nosso tempo nos pareça digno de crítica, e até de execução, não gostamos de que um antigo venha mofar dele às nossas barbas. (...) Ele perguntou-me então por que usava uma cor tão feia... – Feia, mas séria, disse-lhe” – o que entretanto não convence Alcibíades, que mais a frente comenta, a propósito do colete também negro do desembargador: “Por Afrodita! (...) És a cousa mais singular que jamais vi na vida e na morte. Estás todo cor da noite – uma noite com três estrelas apenas – continuou apontado para os botões do peito. O mundo deve andar

imensamente melancólico, se escolheu para uso uma cor tão morta e tão triste. Nós éramos mais alegres; vivíamos...” [59].

Com efeito, eles, que estão mortos, só permanecem para denunciar a nossa melancolia – que, lembre-se, é justo o oposto da ironia. No fundo, essa melancolia apresenta-se como um subproduto do progresso, provocada pela sensação de mudança e de fim [60]: inaugurados os bondes de Santa Teresa, em 1877, alguns burros puxadores de diligências, “com olhar extremamente melancólico”, lastimam “esse novo passo do progresso”, murmurando um deles, “filósofo humanitário e ambicioso”: “Dizem, *les dieux s’en vont*. Que ironia! Não; não são os deuses, somos nós. *Les ânes s’en vont*, meus colegas, *les ânes s’en vont*” [61]. Do mesmo modo, no “Conto alexandrino”, o progresso da anatomia em seres humanos faz com que os ratos, as vítimas costumeiras, celebrem esse fato “com danças e festas, à qual convidaram alguns cães, rolas, pavões e outros animais ameaçados de igual destino (...) outrossim, nenhum dos convidados aceitou o convite, por sugestão de um cachorro, que lhes disse melancolicamente: - ‘Século virá em que a mesma cousa nos aconteça’. Ao que retorquiu um rato: ‘Mas até lá, riamos!’” [62].

Na divisão entre ironia e melancolia, é esta portanto que nos cabe – e é isso que os gregos não nos deixam esquecer. A Grécia de Machado não deixa pois de ser o lugar onde é possível rir, mais que isso, de onde é possível rir. Um lugar onde rir não só os homens (e os animais), mas até os deuses, mesmo sabendo, como os ratos, que o riso é sempre efêmero. Em *Quincas Borba* encontramos uma cena exemplar: ao ver o carteiro que cai, “Sofia não pôde conter o riso”. Aparentemente, uma atitude indigna de um bom caráter, que antes deveria condoer-se com a cena. Machado abre então todo um capítulo, dedicado à seguinte digressão: “Perdoem-lhe esse riso. Bem sei que o desassossego, a noite mal passada, o terror da opinião, tudo contrasta com esse riso inoportuno. Mas, leitora amada, talvez a senhora nunca visse cair um carteiro. Os deuses de Homero – e mais eram deuses – debatiam uma vez no Olimpo, gravemente, e até furiosamente. A orgulhosa Juno, ciosa dos colóquios de Tétis e Júpiter em favor de Aquiles, interrompe o filho de Saturno. Júpiter tropeja e ameaça; a esposa treme de cólera. Os outros gemem e suspiram. Mas quando Vulcano pega da urna de néctar, e vai coxeando servir a todos, rompe no Olimpo uma enorme gargalhada inextinguível. Por quê? Senhora minha, com certeza nunca viu cair um carteiro” [63].

Para que se avalie bem o que se quer dizer, contraponha-se esse “riso inextinguível” diante de um deus coxo com o riso dos santos no conto intitulado “Entre santos”, em que o capelão da Igreja de São Francisco de Paula ouve um diálogo entre São José, São Miguel, São João Batista e São Francisco de Sales, “cousa mais assombrosa que um diálogo de mortos” [64] à moda luciânica. São Francisco de Sales, após ter descrito como um velho avarento lhe prometera rezar trezentos, quinhentos, mil padre-nossos caso obtivesse o que desejava, dirigindo-se a seus colegas de altar, diz: “Vamos lá, podeis rir à vontade” – como os deuses antigos, esperar-se-ia. Entretanto, arremata o narrador, “os outros santos riram, não daquele grande riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, mas de um riso modesto, tranqüilo, beato, católico” [65].

A Grécia de Machado, mais que simplesmente a de Luciano, é a pátria desse riso homérico, que ri do carteiro que cai tanto quanto do deus que manca, uma Grécia que diverte – e é provavelmente porque não admite o mesmo divertimento que o riso dos santos é apenas católico, algo no meio do caminho entre melancolia e ironia, como se afirma na “Teoria do Medalhão”, considerando-se que “um grave pode ter seus momentos de expansão alegre” [66].

Num texto de 1893, Machado comenta a notícia da prisão, na Grécia, de um certo deputado Talis, mais alguns comparsas, por pertencerem a uma “quadrilha de salteadores, que

infesta a província da Tessália”, ressaltando que o que há de interessante no fato é a própria possibilidade de uma tal mistura de política e ladroagem: “Quando algum daqueles deputados tivesse de falar na Câmara, em vez de pedir a palavra, podia muito bem pedir a bolsa ou a vida. Vice-versa, agredindo um viajante, pedir-lhe-ia dous minutos de atenção. E nada ficaria, em absoluto, fora do lugar, com dous minutos de atenção se tira o relógio a um homem, e mais de um na Câmara preferiria entregar a bolsa a ouvir um discurso.” O próprio Talis – continua Machado – “pode ser que tivesse ganho um par de botas a tiro de espingarda; mas estou certo de que proporia na Câmara uma pensão à viúva da vítima”. E então conclui: “São duas operações diversas, e a diversidade é o próprio espírito grego” [67].

Sublinhemos essa arguta definição: *a diversidade é o próprio espírito grego*, lembrando-nos de que, etimologicamente, *diversus* é o diferente, o dessemelhante, o que aparta do caminho, o que distrai, a digressão, em suma: tudo o que *diverte*, isto é, desencaminha, desvia, diferencia. Nada mais exato: de fato, os gregos, justamente porque não só admitiram, mas cultivaram a diversidade, exibem essa extraordinária capacidade de entabular diferentes diálogos com diversos tempos, lugares, pessoas, não repetindo o mesmo, mas adaptando-se ao entendimento de cada um. Essa mesma definição pode-se aplicar, com enorme exatidão, ao uso das reminiscências clássicas por Machado, que ocupam fisicamente o espaço da digressão, destinada a *divertir* o leitor, desviando-o dos caminhos batidos e decorados. Ou seja, a Grécia possibilita a Machado pôr em prática o que ele assim expressa em crônica de 1878: “um falar e dois entenderes” [68].

Há comentadores que estranham o fato de Machado de Assis, citando os gregos, usar indiscriminadamente nomes latinos (Júpiter em vez de Zeus, Juno em lugar de Hera, Vulcano por Hefesto, etc.). Um descuido? Um descuido sim, imperdoável, se ele fosse um daqueles rapazes que, em Oxford, folheiam o remo e Hesíodo. Entretanto, no nosso escritor, trata-se de nada menos que um recurso a mais para demonstrar a própria diversidade dos gregos, cujo trunfo mais notável é a transmissão plurilíngüe: mesmo que o grego antigo tenha emudecido, nem por isso os antigos deixam de falar-nos [69]. Sabe-se como Machado era um grego que não sabia grego – e, assim, lê os antigos em traduções, sobretudo francesas, como a de *Prometeu* por Leconte de Lisle e as de Luciano por Eugène Talbot. Num outro nível, devemos considerar ainda que a tradução diz respeito ao próprio entendimento que cada qual constrói, como declara Frei Lourenço à enamorada Julieta, que diz só entender a língua do amor: “A vida é uma Babel, filha; cada um de nós vale por uma nação” [70]. Finalmente, se nos recordarmos da “metafísica do estilo”, então sim concluiremos que nada é direto, tudo deve ser mediatizado, como se a própria tradição se formasse no “desvão imenso do espírito” de cada cultura que é – eu diria – a *inconsciência coletiva* onde sempre haverá múltiplos entenderes. Por outro lado, saliente-se que é justamente essa fluidez da tradição, essa possibilidade de circular e desviar-se que a torna produtiva, já que disponível para as apropriações que convêm a cada tempo, lugar, pessoa. Um belo exemplo é a anedota do louco do Pireu, que Machado assim relata: “Há de lembrar-se (...) daquele famoso maníaco ateniense, que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade. Não passava de um pobretão, que talvez não tivesse, para dormir, a cuba de Diógenes; mas a posse imaginária dos navios valia por todas as dracmas da Hélade. Ora bem, há em todos nós um maníaco de Atenas” [71]. Observa Rego como, neste caso, Machado está se apropriando não só de um texto de Luciano, mas dialogando também com outros autores que haviam citado a anedota antes dele, como Xavier de Maistre (em *Voyage autour de ma chambre*) e La Rochefoucault (em suas *Máximas*) [72], o que é correto e só corrobora como a base de uma tradição é a

diversidade. Mas poderíamos ainda ampliar o significado da citação – como o próprio Machado o faz em crônica de 1896 – aplicando-a à tradição literária: “se o teu copeiro acreditar que escreveu os *Lusíadas*, lerá com orgulho (se souber ler) as estâncias do poeta; repeti-las-á de cor” [73], ou seja, é da apropriação que se nutre a tradição e tudo depende de que se tenha consciência dela, já que a única filosofia verdadeira é que “não temos outra prova do mundo que nos cerca que o reflexo dele em nós” – e mais vale “um navio no Pireu que cem cavalos no pampa” [74].

Vale a pena perguntar o que significa, em Machado, não saber grego. Se tudo indica que ele não chegou a dominar a língua (embora tenha começado a estudá-la, segundo os biógrafos, já na velhice) [75], de algum modo sabe sim o que se expressa em grego, mesmo quando fala português. É assim que escreve, em crônica de 1892: “Ah! meus caros amigos! Ando com *uma vista* (isto é grego; em português diz-se *um olho*) muito inflamada, a ponto de não poder ler nem escrever” [76]. Isso quer dizer que ele sabe que uma língua não é só fonética, morfologia, sintaxe, mas principalmente visão de mundo – o ver que é saber das Musas de Homero, a acuidade de visão que busca o Sócrates de Platão, a vista inflamada de Luciano que provoca sua *conversão* à filosofia. No fundo, é essa questão da linguagem que encontramos no capítulo intitulado “Musa, canta”, de *Esauí e Jacó*, com que desejo fechar estas reflexões, por considerar este romance a mais apurada síntese machadiana do tripé de tradições com constantemente dialoga, não só como escritor, mas como pensador. Baste que se atente em detalhes fáceis: o título que remete para o judaísmo (remetendo para a disputa entre os filhos de Isaac); os nomes dos protagonistas, Pedro e Paulo, tomados do cristianismo (em referência à dissensão entre os dois apóstolos); finalmente, o fato de que os dois gêmeos, no fim da obra, são comparados a Castor e Pólux, o que desvela sua vinculação grega. Acrescenta-se ainda que o título inicialmente pensado para o livro foi *ab ovo*, que seria sim indicado para uma história de dois gêmeos, mais indicado ainda se pensarmos que os filhos de Leda nasceram de um ovo, mas muito mais ainda se tomarmos a expressão no sentido genérico de *desde a origem*, aplicando-a não apenas à origem das duas personagens, mas da própria escrita machadiana.

Nesse contexto é que se abre o capítulo “Musa, canta”, como uma sorte de retorno à origem de toda nossa literatura: “No fim do almoço, Aires deu-lhes uma citação de Homero, aliás duas, uma para cada um, dizendo-lhes que o velho poeta os cantara separadamente, Paulo no começo da *Iliada*: — Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu, cólera funesta aos gregos, que precipitou à estância de Plutão tantas almas válidas de heróis, entregues os corpos às aves e aos cães... Pedro estava no começo da *Odisséia*. — Musa, canta aquele herói astuto, que errou por tantos tempos, depois de destruída a santa Ílion... Era um modo de definir o caráter de ambos, e nenhum deles levou a mal a aplicação. Ao contrário, a citação poética valia por um diploma particular. O fato é que ambos sorriam de fé, de aceitação, de agradecimento, sem que achassem uma palavra ou sílaba que desmentissem o adequado dos versos. Que ele, o conselheiro, depois de os citar em prosa nossa, repetiu-os no próprio texto grego e os dous gêmeos sentiram-se ainda mais épicos, tão certo é que traduções não valem originais. O que eles fizeram foi dar um sentido deprimente ao que era aplicável ao irmão: — Tem razão, Sr. Conselheiro, — disse Paulo, — Pedro é um velhaco... — E você é um furioso... — Em grego, meninos, em grego e em verso, que é melhor que a nossa língua e a prosa do nosso tempo” [77].

Essa cena desenha tão bem a Grécia de Machado de Assis que temo que qualquer análise só lhe tire, sem acrescentar. Observe-se entretanto como vários aspectos que vimos explorando nela convergem: a diversidade da Grécia, na citação de Homero que era “aliás duas” e que, embora tomada por cada destinatário como “um diploma particular”, é logo desviada em entenderes diversos, na medida em que cada um dos irmãos aplica a si um sentido elevado (a cólera de Aquiles e a astúcia de Ulisses), atribuindo ao outro um sentido degradado (a fúria em vez da cólera; em vez da astúcia, a velhacaria) [78]. Finalmente, o comentário do Conselheiro: “em grego, meninos, em grego e em versos, que é melhor que a nossa língua e a prosa de nosso tempo”. Não posso deixar de imaginar que Aires, ao dizer isso, ergue a sobrancelha e ri com o canto esquerdo da boca, refestelado na cadeira, rindo dos dois irmãos, da nossa prosa, da nossa língua, do nosso tempo, com a sobrancelha e a boca emprestados de Homero, já que traduções não valem originais. Entretanto, sabendo bem, como Machado, que sem traduções restaria apenas o silêncio – traduções tanto no sentido de que se escrevem em línguas diversas, em diversas prosas, diversos tempos, traduções de personagens e de visões de mundo, mas traduções também da perspectiva dos deslocamentos que possibilita a diversidade de entenderes. No fundo, o que os gêmeos – e o leitor – acabam de aprender com Homero e o Conselheiro Aires (em que muitos vêem justamente um duplo de Machado) é a ironia, a ironia dos gregos, como único antídoto para a nossa melancolia. Se esta é um traço de caráter – já que não se contrai melancolia, nasce-se melancólico – a ironia sim é contraída no contato com o outro, espalha-se por contaminação e torna o que a tem capaz de transmiti-la. Sem dúvida, é essa ironia dos gregos que permite a Machado livrar-se tanto da melancolia romântica quanto da ilusão realista, produzindo esse tipo de romance ímpar exaltado por Fuentes.

Em conclusão: a Grécia de Machado de Assis não é nenhum espaço sagrado, consagrado, intocável, acabado – pelo contrário, é aquela dimensão em que predomina a *imperfeição*, isto é, justamente a abertura que permite a outras épocas e lugares uma multiplicação de entenderes. Com efeito, já Horácio, na *Arte poética*, afirmava que nem Homero é assim perfeito que não cometa suas cochiladas estilísticas (*quandoque dormitat Homerus*); Machado concorda com isso, mas acrescenta que “a vigília de Homero paga os seus cochilos” [79]. Nos intervalos entre a vigília e o cochilo – ou seja: sabendo que a Grécia nunca estará perfeita, finalizada e finada – Machado de Assis vai relendo os antigos que se eternizam justamente por isso (já que, como ele afirma, “livros relidos são eternos” [80]). Em suma, se Machado não nasceu grego, aprendeu a “andar grego”, legando-nos uma Grécia na nossa forma e medida, adequada, como diria ele, “a um pobre diabo, condenado ao lado prático das cousas, de mais a mais míope, cabeçudo e prosaico” [81], alguém que não nasceu grego, com certeza, mas cultivava – ainda conforme suas exatas palavras – “a presunção de fluminense que quer ser lacedemônio” [82].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 3 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense,

- BASTOS, Alcmemo. O almoço do conselheiro – história e ficção no mesmo cardápio. In: SECCHIN, Antonio, ALMEIDA, José Maurício Gomes de, SOUZA, Ronaldo de Melo e (org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 135-146.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro*: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- CORÇÃO, Gustavo..... In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- FREITAS, Marcus Vinícius de. Imaginação, história e política: em torno às crônicas de Machado de Assis. *Espelho: Revista Machadiana*, n. 4, p. 23-40, 1998.
- FUENTES, Carlos. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 1º. de outubro de 2000, p. 6-7.
- GOMES, Eugênio. O testamento estético de Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- KORUS, K. The Theory of Humour in Lucian of Samosata. *Eos*, v. 72, p. 295-313, 1984.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. Santos: Martins Fontes, 1979.
- LIMA, Luiz Costa. Machado: mestre de capoeira. In: SECCHIN, Antonio, ALMEIDA, José Maurício Gomes de, SOUZA, Ronaldo de Melo e (org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 183-190.
- LOPES, José Leme. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- LUCIANO. *Hermótimo*, 34.
- MOOG, Viana. *Heróis da decadência*: Petrónio, Cervantes, Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- NAVA, Pedro. *Balão cativo*: memórias 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- PORTELLA, Eduardo. Machado de Assis, cronista do Rio de Janeiro. In: SECCHIN, Antonio, ALMEIDA, José Maurício Gomes de, SOUZA, Ronaldo de Melo e (org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 179-182.
- REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panacéia*: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. Rio de Janeiro: Forense, 1989.
- RIOS Jr., Sebastião. Além do realismo. *Tempo brasileiro*, Ed. Tempo Brasileiro, n. 133/134, p. 95-112, abril-setembro de 1998.
- SCHWARZ, Roberto. A novidade das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: SECCHIN, Antonio, ALMEIDA, José Maurício Gomes de, SOUZA, Ronaldo de Melo e (org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 47-64.
- SCHÜLER, Donald. *A prosa fraturada*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983.
- SECCHIN, Antonio, ALMEIDA, José Maurício Gomes de, SOUZA, Ronaldo de Melo e (org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 47-64.
- SENNA, Marta de. Os benefícios de um piparote. *Tempo brasileiro*, Ed. Tempo Brasileiro, n. 133/134, p. 127-134, abril-setembro de 1998.
- WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádya Batella. *Prezado senhor, prezada senhora*: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- ZILBERMAN, Regina. *Memórias póstumas de Brás Cubas*: diálogos com a tradição literária. *Tempo brasileiro*, Ed. Tempo Brasileiro, n. 133/134, p. 155-170, abril-setembro de 1998.
-

- [1] Trabalho publicado em MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 351-374.
- [2] “Notas [do autor a *Papéis avulsos*]”, in: ASSIS, 1986, vol. 2, p. 364.
- [3] NAVA, 1974. p. 261.
- [4] Apud BROCA, 1975. p. 106.
- [5] Apud BROCA, 1975, p. 102.
- [6] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 1085-1086.
- [7] WERNECK, 2000. p. 144.
- [8] Referindo-se a *Memorial de Aires*, declara ele a José Veríssimo, em carta de 19 de julho de 1908: “O livro é derradeiro; já não estou em idade de folias literárias nem outras.” (ASSIS, 1986, vol. 3, p. 1090)
- [9] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 1094. Carta dirigida a Salvador de Mendonça, a 7 de setembro de 1908, em agradecimento a carta relativa ao *Memorial de Aires*, publicada no *Jornal do Comércio* seis dias antes. É à atitude do amigo que as palavras citadas se referem.
- [10] Cf. o sentido de *teleútáein*, em grego, ‘morrer’, ‘findar’, derivado de *télos*, ‘objetivo’, ‘meta’, ‘fim’.
- [11] ASSIS, 1986, vol. 3, 376.
- [12] GOMES, 1986, p. 1100.
- [13] GOMES, 1986, p. 1099.
- [14] GOMES, 1986, p. 1100.
- [15] FUENTES, 2000, p. 6-7.
- [16] BAKHTIN,
- [17] REGO, 1989. Observa o autor, à p. 85, que “Machado de Assis possuía, em sua biblioteca particular, os dois volumes das *Oeuvres Complètes de Lucien de Samosate*, numa tradução francesa de 1874 com introdução e notas por Eugène Talbot”. Sobre as relações com Sterne, veja-se também SENNA, 1998.
- [18] MOOG, 1964. p. 117: “A ausência do humour em nossa literatura era de tal ordem que nunca foi sentida a necessidade de incorporar a expressão aos nossos léxicos, apesar de não possuímos nenhum termo que fosse equivalente. Sempre que a deparávamos, ou vinha grifada, ou entre aspas que indicassem o *made in England* gramatical.”
- [19] Cf. CORÇÃO, 1986, p. 329.
- [20] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 294.
- [21] Sobre a imagem do cão raivoso em Luciano, sobretudo em suas relações com o cinismo e a crítica política, tratei em BRANDÃO, 2001.
- [22] SCHÜLER, 1983, p. 25/26, caracteriza assim a ironia, a propósito de *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “o ironista opera como herói malgrado. Conhece o mal, não sabe a cura. Percorre com olhar agudo e sereno o que o circunda. Dissolve a sintaxe, mas não constrói um novo discurso. (...) O humor anglo-saxônico encobre o tédio produzido pela inocuidade da vida. Enfeita a cotidianidade. O humorista diverte-se com o tédio, resolve, de certa maneira, a situação conflitual. O ironista sublinha o conflito. Convém situar Machado no vácuo da fratura, não na ponte erguida sobre o abismo.”
- [23] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 615.
- [24] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 616.
- [25] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 617.
- [26] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 618.
- [27] KORUS, 1984.
- [28] ASSIS, 1986, vol. 1, p. 810.
- [29] ASSIS, 1986, vol. 1, p. 810.
- [30] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 602.
- [31] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 605.
- [32] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 605.
- [33] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 623.
- [34] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 380.
- [35] FREITAS, 1998: a proposta do autor é examinar o “lugar da política e da crítica social”, usando “da combinação de duas linhas de análise”: “a alegórica, fecundamente trabalhada por Schwarz e Gledson, entre outros; e uma outra, que poderíamos chamar de ‘lucianica’, proposta com grande perspicácia por Enylton de Sá Rego” (p. 25-26).
- [36] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 378 (crônica de 2 de junho de 1878).
- [37] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 394 (crônica de 4 de agosto de 1878).
- [38] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 541.
- [39] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 541.
- [40] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 402 (crônica de 1878).

- [41] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 392 (crônica de 1878).
- [42] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 383.
- [43] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 873.
- [44] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 873.
- [45] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 874.
- [46] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 876.
- [47] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 877.
- [48] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 571.
- [49] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 572.
- [50] Cf. LAPLANCHE e PONTALIS, 1979. p. 307 (s.v. “inconsciente”). A psicologia (ou psiquiatria) de Machado é toda pré-freudiana: ver LOPES, 1974.
- [51] Sobre as relações de Machado com a estética romântica e realista, veja-se SCHWARZ, 1998; também RIOS Jr., 1998, que considera também as relações de Machado com a tradição luciânica, de acordo com o exposto por Rego, 1989.
- [52] “Uma excursão milagrosa”, ASSIS, 1986, vol. 2, p. 762.
- [53] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 613.
- [54] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 582.
- [55] Cf. LUCIANO. *Hermótimo*, 34.
- [56] “O segredo do bonzo”, ASSIS, 1986, vol. 2, p. 325.
- [57] ZILBERMAN, 1998, p. 157.
- [58] Assim, por exemplo, ao saber Alcibíades que mudaram as danças, como as idéias e os deuses: “a pírrica já lá se vai. Cada século, meu caro Alcibíades, muda de danças como muda de idéia. Nós já não dançamos as mesmas cousas do século passado; provavelmente o século XX não dançará as deste. A pírrica foi-se, como os homens de Plutarco e os numes de Hesíodo.” ASSIS, 1986, vol. 2, p. 352-357.
- [59] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 352-357.
- [60] Cf. PORTELLA, 1998, p. 181, Machado tem uma “compreensão aguda e desconfiada, desconfiada porque aguda, aguda porque desconfiada, do sentido do progresso”, em que não há lugar, entretanto, para a nostalgia: “a negatividade de Machado de Assis foi o exercício, sem escândalo, da consciência crítica, fortemente irônica, ainda não desencantada”.
- [61] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 364.
- [62] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 417.
- [63] ASSIS, 1986, vol. 1, p. 687.
- [64] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 484.
- [65] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 490.
- [66] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 294.
- [67] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 647.
- [68] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 398.
- [69] Embora o grego nunca tenha deixado de ser falado, há uma notável diferença entre a língua antiga e a moderna, tanto que os autores clássicos se lêem, na Grécia de hoje, em traduções para o grego moderno, como em outros lugares se faz com relação ao francês, inglês, português, italiano, etc.
- [70] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 615.
- [71] ASSIS, 1986, vol. 1, p. 634.
- [72] REGO, 1989, p. 93-96.
- [73] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 743.
- [74] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 744.
- [75] Página do caderno de grego de Machado de Assis encontra-se reproduzida em SECCHIN et al., 1998, p. 152 (o trecho de que ele traduz as palavras é de Xenofonte, *Ciropeia*, 1, 1, 2).
- [76] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 541.
- [77] ASSIS, 1986, vol. 1, p. 1002.
- [78] Esse procedimento é central na própria concepção do romance, manifestando-se em diversos pontos. Assim, tendo os gêmeos nascido em 7 de abril de 1870, isso não significa o mesmo para cada um: conforme o que declara Pedro, “nasci no dia em que Sua Majestade subiu ao trono”; já segundo Paulo, “nasci no dia em que Pedro I caiu do trono”. Ver comentários em BASTOS, 1998. Com relação ao mesmo procedimento nas crônicas, veja-se LIMA, 1998.
- [79] ASSIS, 1986, vol. 2, p. 330.
- [80] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 622.
- [81] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 380.
- [82] ASSIS, 1986, vol. 3, p. 339.